

3 Aproximações epistemológicas sobre o fazer científico

O *dadosSemiotica* foi criado para ser a mesa de trabalho do analista de textos.

Quanto maior o número de textos a serem analisados e quanto mais tipos de análises diferentes forem aplicadas a tal *corpus*, maior a dificuldade em visualizar o todo e obter resultados objetivos e globais. Naturalmente essa dificuldade define um “tamanho” de projeto de análise mais restrito, que acaba sendo a escolha do semioticista na grande maioria dos casos. Em outras palavras, é mais simples analisar um poema de uma página (são inúmeros os exemplos) do que a obra completa de um romancista (lembro-me da tarefa hercúlea de Dilson Ferreira da Cruz, 2009, com a obra de Machado de Assis). O *dadosSemiotica* veio em busca de minimizar esse esforço e permitir um maior número de análises de grandes *corpora*, mas isso não depende exclusivamente do software a ser utilizado.

Garimpar textos utilizando-se softwares que analisam estatisticamente recorrências não resolve o problema do analista de textos, embora possa ser útil em algumas situações, pois a simples recorrência de termos está vinculada a escopo temático-figurativo, estruturas sintáticas e semânticas da própria língua e, portanto, ficam restritos a alguns aspectos muitas vezes irrelevantes para a análise do texto e do discurso. Além disso, quando um humano lê um texto, carrega consigo um contexto que funciona como um filtro, que precisaria ser “carregado” junto com o processo de garimpagem para que o resultado desse prioridade ao que o filtro indicasse. Isso é possível realizar, mas certamente a maioria dos softwares de processamento de textos utilizados e criados para a área de humanas, em geral provenientes das áreas de exatas, desconsideram questões como esta, que aqui só cabe expor de forma bem genérica, já que não é o foco deste manual.

O *dadosSemiotica* segue alguns princípios básicos de funcionamento que podem – ou não – afetar seu uso em escopos teóricos não relacionados com a semiótica de linha francesa, portanto é importante deixar claro quais são.

Segundo depreende-se da entrada “hipótese” do Dicionário de Semiótica, a formulação de hipóteses está diretamente vinculada ao escopo teórico em que tal hipótese é levantada e é importante destacar que ela “não é nem verdadeira nem falsa, e que seu valor de verdade apenas aparecerá a posteriori, transformando eventualmente o discurso sustentado para esse fim em um procedimento de descoberta” (GREIMAS & COURTÉS, s/d, p. 218). A Semiótica segue o método hipotético-dedutivo, no qual o ponto de partida são

“(…) um certo número de conceitos não definidos ou de proposições não afetadas por valores de verdade, para que o discurso dedutivo, desenvolvido a partir desses postulados, faça a posteriori a prova de sua eficácia, produzindo, como consequência lógica, enunciados suscetíveis de serem considerados procedimentos de descoberta.” (GREIMAS & COURTÉS, s/d, p.219)

Complementa-se esta informação nas entradas “dedução” e “indução” do Dicionário, em que a primeira, correspondendo a uma caminhada do geral (definido teoricamente) para o particular (os casos, a experiência), não teria, de fato, existência independente da segunda, que parte dos casos para a generalização de regras, pois muitas vezes é o estudo dos casos que permite redimensionar e até criar novas regras gerais. É assim que a Teoria Semiótica se define como uma teoria em construção, pois os postulados iniciais estão sempre em constante reconstrução e revisão pelos achados mais recentes dos estudos de casos. Sendo assim, embora a ideia da Semiótica como uma

dadosSemiotica: projetos *dS*

“camisa de força” na análise do texto seja ainda amplamente difundida, trata-se de uma crítica totalmente sem fundamento. E, cabe acrescentar, essa praxis alça o analista ao patamar de teórico, exigindo uma consciência epistemológica a respeito da Semiótica para que seu trabalho não incorra em riscos desnecessários ou até mesmo erros grosseiros. É o que explica a necessidade deste capítulo do manual, diga-se de passagem.

O “modelo”, em semiótica, é tratado como “um simulacro construído que permite representar um conjunto de fenômenos”(GREIMAS & COURTÉS, s/d, p. 284), fenômenos estes relativos à linguagem e ao modo como ela faz significar, ou seja, relativos à semiose. É por este motivo que o Percurso Gerativo do Sentido não é uma representação da geração do sentido ao longo do tempo, mas uma sobreposição de níveis correlacionados cuja configuração permite fazer emergir um dado sentido e não outro: o percurso é um simulacro do sentido no texto.

O *dadosSemiotica* foi, portanto, criado para permitir ao analista cruzar análises de diferentes configurações a fim de descobrir, por exemplo, relações entre os processos de semiose e de textualização. Para isso, cada investida é trabalhada como um projeto *dS*: Qual nossa hipótese? Para verificá-la, devemos avaliar quais níveis? Quais categorias de análise dentro de cada nível são relevantes? Qual o *corpus*? Algum contexto será considerado? Qual(is)?¹ E assim por diante. O analista deve ter feito essa reflexão antes de iniciar o trabalho; não é por outro motivo que um projeto é, em todas as situações, um empreendimento considerável na realização de si próprio, ou, dito de forma mais coloquial, para realizar um projeto de pesquisa, é necessário pesquisar e elaborar o projeto primeiro.

1 Lembrando que, para a Semiótica, o contexto tomado de forma genérica é inalisável, portanto podemos nos ater ao texto em si e suas possibilidades de significação ou incluir um número específico a cada caso de outros textos que sejam determinantes para revelar o contexto da análise em questão.